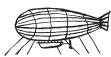


HELENA MORLEY

MINHA VIDA
DE MENINA



COMPANHIA DE BOLSO

Copyright © 1979, 1998 by Sara Caldeira Brant
e Ignez Caldeira Brant Renault

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa
Jeff Fisher

Preparação
Rosemary Cataldi Machado

Revisão
Renato Potenza Rodrigues
Larissa Lino Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Morley, Helena
Minha vida de menina / Helena Morley. — 1ª ed. — São
Paulo : Companhia de Bolso, 2016.

ISBN 978-85-359-2745-0

1. Adolescentes — Diários 2. Morley, Helena I. Título.

16-03337

CDD-920

Índice para catálogo sistemático:

1. Adolescentes : Diários : Biografia 920

2016

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

“Livro que nasceu clássico” — *Alexandre Eulálio* 7

NOTA À 1ª EDIÇÃO 13

MINHA VIDA DE MENINA — *Diário de Helena Morley*

1893 17

1894 115

1895 211

Sobre a autora 325

MINHA VIDA DE MENINA
DIÁRIO DE
HELENA MORLEY

1893

Quinta-feira, 5 de janeiro

Hoje foi nosso bom dia da semana.

Nas quintas-feiras mamãe nos acorda de madrugada, para arrumarmos a casa e irmos cedo para o Beco do Moinho. A gente desce pelo beco, que é muito estreito, e sai logo na ponte. É o melhor recanto de Diamantina e está sempre deserto. Nunca encontramos lá uma pessoa, e por isso mamãe escolheu o lugar.

Mamãe chama Emídio, da Chácara, e põe na cabeça dele a bacia de roupa e um pão de sabão. Renato leva no carrinho as panelas e as coisas de comer, e vamos cedo. Mamãe e nós duas, eu e Luisinha, entramos debaixo da ponte para lavar a roupa. Emídio, o crioulo, vai procurar lenha. Renato vai pescar lambaris; nunca vi tanto como ali. Ele só tem tempo de pôr a isca, jogar o anzol e puxa logo um lambari ou bagre. Nhonhô põe o visgo e fica de longe à espera de passarinhos. Cai um, ele corre, limpa o pé do pobrezinho com azeite e mete na gaiola. Unta a vara de novo e daí a pouco já vem outro, um pintassilgo ou um curió.

Nós ficamos lavando a roupa e botando pra corar, enquanto mamãe faz o almoço de tutu de feijão com torresmos e arroz.

Depois de lavarmos a roupa e passar algum tempo do almoço, mamãe fica vigiando o caminho pra ver se vem alguém, e nós entramos no rio para tomar banho e lavar os cabelos.

Depois disso batemos as roupas na pedra, enxaguamos e pomos nos galhos para secar. Agora é só procurar frutas no campo, ninhos de passarinho, casulos de borboletas e pedrinhas redondas para o jogo.

Na volta, Renato enche o carrinho de lenha, por cima das panelas, e Emídio também ainda traz um feixe de lenha em cima da bacia; a roupa fica dobradinha embaixo.

Que economia seria para mamãe, agora que a lavra não tem dado nem um diamantinho olho de mosquito, se pudéssemos ir à ponte todos os dias, pois Renato e Nhonhô vendem tudo que trazem, no mesmo dia. Ainda se pudéssemos ficar na lavra com meu pai, ela não precisava trabalhar tanto. Mas os nossos estudos atrapalham tanto a vida de mamãe, que eu morro de pena dela. O que vale é que Renato acaba os exames dele depois de amanhã e nós vamos para a Boa Vista, passar as férias.

Terça-feira, 10 de janeiro

Hoje Benvinda veio, com a irmã, participar a mamãe e meu pai o casamento dela com um rapaz do Serro, que foi soldado e deu baixa porque teve de cortar a perna. Nós achamos graça no jeito dela contar a história do noivo sem perna. Ela disse: “Dona Carolina, eu venho participar à senhora e Seu Alexandre que vou me casar”. Mamãe disse: “Estimo muito. É bom rapaz? Você o conhece bem?”. Ela respondeu: “Bom ele é, mas muito, muito conhecimento eu não tenho, porque ele veio do Serro, não é daqui”. Mamãe perguntou: “Qual é o ofício dele?”. Ela disse: “Eu mesma não sei. Só sei que ele era soldado e deu baixa”. Mamãe: “Baixa por quê?”. Benvinda: “Porque tomou um defeito”. Mamãe perguntou onde era o defeito. Ela respondeu: “No pé, isto é, não é mesmo no pé, é na perna”. A irmã disse: “Fala de uma vez, Benvinda! O moço não tem perna”. Mamãe: “Coitado! Então ele não anda?”. Ela disse: “Anda, sim senhora. Anda de muleta”. Mamãe disse: “Mas você não sabe ainda o que ele vai fazer, sem perna, para vocês viverem?”. Ela respondeu: “Não pensei ainda não, mas viver a gente veve de qualquer jeito. Deus é que ajuda”.

Quarta-feira, 18 de janeiro

Estamos na Boa Vista e fomos hoje à casa de uns amigos que eram tão bons para nós, todas as vezes que aqui vínhamos. Obsequiavam sempre a mamãe com frutas, ovos, frangos e verduras.

Esta amizade ficou forte com a parença de Luisinha, minha irmã, com a sobrinha deles que estava fora. A mulher, Dona Mariquinha, dizia sempre que nos via: “Que saudades da Quitinha! Vendo a sua menina, parece que estou vendo a outra, Dona Carolina. É cara duma, cara doutra, sem tirar nem pôr. Ainda hei de juntar as duas para a senhora ver”. Mamãe dizia: “É pena mesmo a sua não estar aqui”. Ela dizia: “O dia chegará, Dona Carolina”.

E íamos ganhando os presentes e comendo de todas as frutas que havia no quintal, ela sempre dizendo: “Deixe as meninas à vontade, Dona Carolina. Parece que estou vendo a Quitinha fazendo arte. A senhora não avalia quanto eu quero àquela menina. Eu e Juca não tivemos filhos e ela é mesmo que filha para nós. Está sempre aqui, mas foi passar o Natal com os pais no Mendanha e ainda não voltou. Mas duma hora pra outra ela está de volta e eu mando Juca chamar sua menina para a gente comparar”.

Nós íamos aproveitando a parença e comendo as frutas. Chegou o dia. Seu Juca passou, a cavalo, e mesmo sem apaar disse a mamãe: “Mariquinha manda dizer que a Quitinha chegou e que ela espera a senhora lá hoje, com as suas meninas”. Mamãe respondeu que esperava só meu pai para lhe dar almoço e depois irmos.

Nós ficamos logo alvoroçadas. O único lugar de toda a redondeza que tem frutas é a chácara de Seu Juca. Frutas e verduras. Nem sei como eles plantam assim. Aqui na Boa Vista só querem minerar. É só diamante e ouro; não cuidam de outra coisa. Para plantar, eles todos dizem que a terra não presta. Mas agora nem sombra de fruta a gente verá mais, nestas férias, por culpa de Cesarina. A demônia da negrinha entortou o caldo todo.

Meu pai veio almoçar e disse a mamãe que ia passar no serviço, para ver o que estavam fazendo, e depois íamos juntos. Engolimos a comida depressa. Passamos no serviço, estavam desbarrancando. Meu pai deu umas ordens e seguimos felizes, pelo campo afora, sem imaginar nem de longe o que ia acontecer.

Chegamos à casa de Seu Juca: “Entrem todos. Que prazer!”, disse Dona Mariquinha. “Hoje é que vamos comparar as duas. Sentem aqui que eu vou buscá-la.” Tomamos assento na sala e Cesarina no chão, perto de nós. Vem de lá de dentro Dona Mariquinha com uma menina sardenta pela mão, e Cesarina diz baixinho para Luisinha: “Olha só, Zinha, a menina que parece com você”, e foi estourando de riso e nós com ela, num acesso tão forte que mamãe, com medo também de estourar, deixou meu pai sozinho ficar dando explicações. Meu pai dizia: “Coitadinhas, que idiotas! É assim o dia inteiro, Dona Mariquinha. Eu tenho até pena. Sem motivo nenhum caem nesse frouxo de riso”. Mamãe, meio engasgada, disse: “É mesmo, Dona Mariquinha. Às vezes fico pensando que tivemos algum doido ou bobo na família, a quem elas saíram. Esta negrinha é a mesma coisa. E a senhora pensa que isto acaba? Quando começam pode-se esperar, que é um tempão”. Meu pai: “Imbecis! Idiotas! Acabem com isso!”. E nós sem darmos acordo de nós.

Dona Mariquinha disse à sobrinha: “Vá lá pra dentro, minha filha”. A menina entrou e nós saímos correndo para a porta, sem parar de rir. Dona Mariquinha ficou com uma cara tão fechada, que meu pai e mamãe tiveram de sair e vieram nos ralar cá fora. Isto é, meu pai; porque mamãe é como nós. É dela que puxamos esse riso solto.

Sábado, 21 de janeiro

Quando eu tenho inveja da sorte dos outros, mamãe e vovó dizem: “Deus sabe a quem dá sorte”. Na Boa Vista agora é que eu acabei de crer. Já disse a vovó que ela quase nunca erra, quando fala as coisas.

Nós todos, os meninos e meninas da Boa Vista, depois que acabamos de jantar e que meu pai e tio Joãozinho despacham os trabalhadores, a coisa que mais gostamos é ficar descalços, com o pé no molhado, subindo e descendo o desbarranque da lavra, procurando diamantinhos e folhetas de ouro, pois tudo meu tio compra. Diamante é raro achar, mas folhetas de ouro a gente encontra sempre.

Estávamos, todos os meninos, andando de um lado para outro, cada um com os olhos arregalados nos corredos. Estava conosco Arinda. De repente ela abaixou com um grito e apanhou um diamante bem grande. Corremos todos para o rancho, atrás de meu pai e meu tio. Ele olhou e disse a meu pai: “Veja, Alexandre, que beleza!” e deu para Arinda cinco notas de cem mil-réis, novinhas. Ela saiu correndo para o rancho do pai dela e nós atrás. O pai, a mãe e todos ficaram doidos de alegria. O pai dela dobrava as notas, metia no bolso, tornava a tirar, olhava, tornava a guardar.

Fiquei até com pena do pobre e achei que foi melhor Arinda ter achado o diamante. O rancho dela não tem senão um couro para todos dormirem, coitados.

O pai dela disse que vai aumentar o dinheiro, que vai fazer um serviço num lugar que ele sabe que vai dar diamante. Fiquei triste quando cheguei em casa e contei, e que meu pai disse a meu tio: “Que idiota! Eu sei onde ele vai enterrar o dinheiro; é naquela gupiara do Bom Sucesso que nós já lavramos”.

Arinda não ganhou nem cem réis e não se importou.

Segunda-feira, 23 de janeiro

Ontem eu tomei um susto muito grande. Está correndo na Boa Vista que anda por aí um ladrão muito malvado, que passou em Diamantina e os soldados não puderam pegar. Ele mata para roubar e quando os soldados chegam, se é em casa, ele vira vassoura, cadeira ou outra coisa; se é no mato ele vira cupim. Todos vivem apavorados. Ontem de noite meu pai esta-

va no rancho de tio Joãozinho, do outro lado do córrego, e nós já dormindo, quando um cachorro latiu. Mamãe correu para a porta do nosso rancho e começou a gritar: “Joãozinho! Capitão Gasparino! Seu João Roberto!”. Nós acordamos e corremos para a porta, para ver o que era. Ela gritou para Renato: “Corre ali ao rancho de Joãozinho e chama o delegado e os soldados que estão lá!”. Disse isso gritando. Nós abrimos a boca, pensando que ela tivesse ficado doida. Aí ela disse baixo: “Calem a boca que eu explico”. E nos disse que o homem que vira cupim estava ali perto, porque o cachorro latiu e ela teve medo que ele fosse atrás de meu pai procurar diamantes. Ela gritava alto aqueles nomes para o ladrão pensar que eles estavam no rancho de tio Joãozinho e fugir.

Meu pai chegou daí a pouco e achou graça na ideia de mamãe.

Domingo, 29 de janeiro

Hoje todos nós ficamos pasmos com uma coisa que aconteceu e eu achei que foi uma adivinhação. Como é que se pode esperar ter um bilhete de rifa e tirar na certa, como Renato e Nhonhô? Quando vínhamos para as férias, Totônio apareceu na Chácara com uma rifa de um cavalo pampa e meus irmãos ficaram com tanta vontade de ganhar um bilhete, que Dindinha comprou um e lhes deu. Eles, desde essa hora, ficaram donos do cavalo e só pensavam nisso. Começaram a fazer trato de buscar capim, passear no cavalo e acabavam sempre brigando. Eu, como nunca esperei o cavalo, via as brigas e achava até graça na bobice dos dois. Mamãe é que suspirava e dizia: “Se já brigam sem o cavalo, o que fariam se o tivessem mesmo?”. Eu dizia: “Isto, Deus é grande, e não deixará acontecer. Ninguém precisa aqui de cavalo para dar trabalho e briga”. Eles continuavam na mesma conversa. No almoço, no jantar, era só discussão por causa do cavalo. Hoje mamãe nos chamou para irmos ao Bom Sucesso. No caminho, avistamos Emídio que vinha na

estrada, montado no cavalo, e os dois gritaram ao mesmo tempo: “O cavalo!”. E saíram na disparada. Não é mesmo uma adivinhação?

Quarta-feira, 15 de fevereiro

Graças a Deus o carnaval passou. Não posso dizer que passou bem porque apanhei de vovó, coisa que ela nunca fez.

É sina minha todo o mundo que gosta de mim me infernar a vida. Todas as minhas primas são governadas só pelos pais. Ah, se eu também fosse assim! Meus pais é que menos me amam. Não tivesse eu o governo de vovó e tia Madge, teria ido ao baile de máscaras do Teatro. Desde os sete anos eu sonhava fazer doze para ir ao baile. Agora estou com treze e apanhando para não ir!

Quem me fez vontade de ir ao baile foi tia Quequeta, contando o que elas faziam no tempo delas. Uma amiga dela pôs máscara, disfarçou a voz e buliu com o pai a noite inteira, a ponto de ele ficar apaixonado e no dia seguinte, em vez de ir para o almoço, ficou passeando no jardim, de cabeça baixa, pensando na mascarada. Outra amiga deixou o marido ir para o baile e foi atrás, de máscara, brincou com ele, deixando-o apaixonado, a ponto de ele ficar suspirando a noite inteira.

Minhas tias ainda têm as saias-balão que se usavam. Que vontade de ter sido desse tempo! Hoje não há nada disso, mas eu queria ir assim mesmo.

Glorinha ficou só me inchando a cabeça desde cedo. Pedi licença a mamãe e ela disse: “Se sua avó deixar, eu deixo”. Pedi a vovó: “Vovó, mamãe deixou. A senhora me deixa ir ao baile com a Glorinha?”. Ela disse: “Não deixo não!”. Saí batendo o pé com força e caí na cama dela, chorando. Ela vem, tira a chinelada do pé e me dá duas chineladas, dizendo: “Então chore com razão!”. Bati com as pernas mas não me levantei.

Mas valeu, porque hoje ganhei um vestido e uma pratinha de dois mil-réis.

Sábado, 18 de fevereiro

Faz hoje três dias que eu entrei para a Escola Normal. Comprei meus livros e vou começar vida nova. O professor de Português aconselhou todas as meninas a irem se acostumando a escrever, todo dia, uma carta ou qualquer coisa que lhes acontecer.

Passei na casa de minhas tias inglesas e encontrei lá Mariana. Ela foi a aluna mais afamada da Escola e sempre ouvi minhas tias falarem dela com admiração. Ela esteve me animando e disse que o segredo de ser boa aluna é prestar atenção, tomando notas de tudo.

Tia Madge disse que Mestra Joaquininha lhe falou que eu fui a aluna mais inteligente da escola dela, mas era vadia e falhava dias seguidos. Isto é verdade, porque o ano passado fomos, muitas vezes, passar dias com meu pai na Boa Vista. Não sei se sou inteligente. Vovó, meu pai e tia Madge acham; mas só sei que não gosto de estudar, nem de ficar parada prestando atenção. Em todo caso eu gosto que digam que sou inteligente. É melhor do que dizerem que sou burra, como vai acontecer na certa, quando virem que não vou ser, na Escola Normal, o que eles esperam. Hoje já vi o jeito. Achei tudo difícil e complicado. O que me vale é que eu tenho facilidade de decorar. Quando eu não puder compreender, decoro tudo. Mas no Português como é que eu vou decorar? Análise, eu nem sei onde se pode estudar. Só daqui a dias poderei saber como as coisas vão sair. Escrever não me vai ser difícil, pelo costume em que meu pai me pôs de escrever quase todo dia. Duas coisas eu gosto de fazer, escrever e ler histórias, quando encontro. Meu pai já consumiu tudo quanto é livro de histórias e romance. Diz ele que agora só nas férias.

Ainda não comecei a estudar e já estou pensando nas férias. Que bom vai ser quando eu estiver na Boa Vista, livre da Escola, sem ter que estudar. Mas um ano custa tanto a passar!

Vou deitar-me e pedir a Nossa Senhora que me ajude a estudar e abra mesmo minha inteligência, para não desapontar meu pai, vovó e tia Madge.

Domingo, 19 de fevereiro

Eu acho que a pior invenção da vida é mingau de fubá. Não compreendo para que ele serve. Se a gente está com fome, toma mingau e a fome aperta mais. Se não está com fome, bebe mingau e a fome abre. Há tanta coisa boa para se fazer com fubá: cuscuz, broas, sonhos, bolos, e ninguém quer sair do mingau de fubá.

Siá Ritinha, a ladrona de galinhas da Cavallhada, levou ontem a noite inteira aqui em casa, contando casos de pessoas que adoeceram de comer pepino, e acabou dizendo: “Dona Carolina, tome nota do que eu vou lhe dizer: pepino é tão venenoso, que só a gente passar a barra da saia no pepineiro faz mal”.

Veio essa conversa toda por mamãe lhe contar que eu não tomo mingau de fubá e que como dois pepinos com sal, de manhã. Mamãe me dizia: “Está ouvindo o que ela está dizendo? Está escutando?”. Eu tinha vontade de perguntar a Siá Ritinha: “E furtar galinha dos vizinhos também não fará mal?”.

Terça-feira, 21 de fevereiro

Ontem jantei com minhas tias inglesas.

Vou lá sempre depois da Escola, tomo café e demoro um pouco, às vezes meia hora no máximo. Não me demoro mais porque lá não se tem com quem brincar, e eu não sou capaz de ficar muito tempo sentada na sala, só ouvindo conversa de gente grande.

Passei lá depois da Escola, e estava um amigo de minhas tias, que gosta também de mim, Seu Benfica. Ele me perguntou se eu gostava de fantoches. Eu respondi que muito. Ele disse então que eu fosse avisar a mamãe e voltasse para jantar com minhas tias, que ele e Dona Teresinha passariam lá, para nos pegar e levar aos fantoches.

Que noite boa! Nunca vi coisa mais engraçada que a dança daqueles bonecos. Parecem gente. Então os dois, Briguela e

Maricota, são impagáveis. A gente fica até duvidando que sejam bonecos. Seu Benfica nos levou, no meio do espetáculo, um pacotão de luminárias e canudos, que fomos comendo enquanto assistíamos aos fantoches.

Oh, noitezinha boa! Era bem bom se eu pudesse ir todos os dias. Seu Benfica me perguntou se eu gostei e eu respondi: “Demais!”. Ele então prometeu que vai me levar mais algumas noites.

Gostei de ele dizer “algumas”. Podia ter dito “mais uma”. Mas minhas tias me disseram que não contasse muito com isso, porque a mulher dele não é tão franca como ele. Às vezes ele promete e ela não deixa cumprir.

Também que me importa? Eu já fui duas vezes.

Quinta-feira, 23 de fevereiro

Leontino veio nos convidar para irmos assistir à inauguração do telégrafo, que eles fizeram em casa, e que tia Aurélia esperava mamãe e a família toda com muito carajé, chocolate e sequilhos. Fomos todos e Dindinha também. Ficamos, a metade das pessoas, na sala de visitas e a outra metade na sala de jantar, no fim do corredor, que é muito comprido. Os da sala passavam telegrama para os de lá de dentro e a resposta era escrita com uns risquinhos, que a pena ia fazendo numa tira de papel, que Sérgio lia, e estava certinho. Dindinha, mamãe e as tias ficavam de boca aberta, de ver como eles passavam direito, como se fosse no telégrafo. Comemos muito carajé. Tivemos uma boa mesa de chocolate, café e sequilhos, e as tias saíram falando da inteligência dos meninos de lá. Tia Aurélia faz tanta coisa boa, porque sabe que todos vão admirar os filhos dela e ficar com inveja. Mamãe é uma que daria a vida para nós sermos como os filhos de tia Aurélia, que só vivem estudando. Mas ela mesma já se convenceu de que tudo que os filhos de tia Aurélia fazem, mais do que nós, é porque o pai deles é comerciante e pode olhar os filhos. Nós, com meu pai vivendo fora, na lavra, e ma-

mãe querendo ir sempre atrás dele, teremos mesmo de ser como somos.

Sábado, 25 de fevereiro

Hoje tive o maior espanto de minha vida. Vovó, todos os sábados, manda um de meus irmãos ao Palácio, que é perto da Chácara, trocar uma nota em borrysquês* do Bispo. Põe tudo numa caixa de papelão e fica sentada na sala de jantar, à espera das pobres dela. A cada uma dá um borrysquê novo de duzentos réis. São elas Chichi Bombom, Frutuosa Pau de Sebo, Teresa Doida, Aninha Tico-Tico, Carlota Pistola, Carlota Bostadanta, Teresa Busca-Pé, Eufrásia Boaventura, Maria Pipoca e Siá Fortunata. Estas são as que entram, sentam com vovó na sala de jantar e contam suas misérias. Ainda há os pobres que ficam no corredor e na porta da rua. Vovó diz que quem dá aos pobres empresta a Deus. Ela já deve ter no céu um dinheirão guardado, pois empresta tanto!

Eu sempre fico por perto ouvindo as queixas, disfarçando com um exercício em cima da mesa, porque acho graça na briga delas, quando querem ganhar dois borrysquês em vez de um. Hoje, depois que vovó deu às outras o seu borrysquê, tirou dois e deu a Siá Fortunata, mãe de Bertolino. “Dê às outras, Dona Teodora; eu hoje vim só visitar a senhora. Não preciso mais, graças a Deus. Daqui a pouco eu também poderei dar esmolas.” Vovó lhe perguntou: “Tirou a sorte, Fortunata?”. Ela respondeu: “É o mesmo que ter tirado, Dona Teodora. Meu filho, graças a Deus, achou um protetor”. Vovó não disse nada e deu os borrysquês dela às outras.

* Vales que os comerciantes, industriais e instituições de beneficência emitiam para suprir, diziam, a falta de trocos, e circulavam como dinheiro. Os borrysquês do Bispo eram emitidos pela Caixa Pia da Diocese e assinados por ele. O nome desses vales vem do negociante francês Borrysque, que foi o seu introdutor em Diamantina.

Quando elas saíram, vovó exclamou: “Forte coisa!” e chamou Dindinha: “Ó Chiquinha, chega aqui! Eu estou tão pasma que nem posso me levantar”. Eu, vendo que havia novidade, fiquei de ouvido alerta, escutando disfarçada, por que vovó não gosta de falar as coisas na nossa vista. Ela disse: “É verdade mesmo, Chiquinha, o que andam falando por aí?”. E contou a Dindinha a resposta de Siá Fortunata, acrescentando: “Que louca de falar assim! Também aqui não há polícia para estas coisas”. Nesse momento eu pedi: “Vovó, me conte por que é que a senhora está tão espantada. Eu estou tão curiosa!”. Ela disse: “Não é assunto para meninas. Vá estudar”. Eu, ardendo de curiosidade, pedi de novo, pelo amor de Deus, que me contasse. Ela então contou: “Você não ouviu falar nessa história de três moços que andaram por aí, com notas falsas, e quando veio a ordem de prisão, dois fugiram alta noite e um deles, chamado Floriano, matou-se? Estão dizendo que os que fugiram foram levados para uma fazenda na Mata do Rio pelo Bertolino, que recebeu muita nota falsa. Dizem que ele andou passando as notas pelo caminho e ainda trouxe para passar aqui no barracão* aos tropeiros, coitados. Eu não estava acreditando, porque aqui se fala muito da vida alheia. Mas agora a mãe dele mesmo está dizendo, e assim a gente tem de acreditar. E virando para a Dindinha disse: “Agora é preciso você tomar cuidado e não aceitar nota nova”.

Domingo, 26 de fevereiro

Hoje andou pela cidade a passeata de Bambães. Ele põe no andor um sino todo enfeitado e sai pelas ruas repicando e pedindo esmolas para a igrejinha que ele está fazendo no Rio Grande. É muito engraçado. Os meninos vão atrás acompanhando, e eu acho que alegre muito as ruas.

Bambães é baixinho, gorducho, muito alegre e só trata a todo

* Mercado da cidade.

o mundo de “Meu Belo”. Todos gostam dele. Mas ninguém lhe dá esmola, porque dizem que ele tira é para ele. Eu não creio.

Meu pai diz que só vendo esta igreja pronta, com cem réis de cada um, é que ele acredita. Eu penso mesmo que eu não era nascida, quando Bambães começou esta capela, e, desde que me entendo, ela está na mesma.

Vovó é das poucas pessoas que dão esmola maior, e acha que é preciso igreja no Rio Grande. Todos dizem que não se precisa de mais igreja na cidade, que já tem muitas.

Terça-feira, 28 de fevereiro

Hoje foi a primeira vez que eu vi o Santíssimo entrar na Chácara.

Em toda casa é uma tristeza entrar o Santíssimo. Na Chácara, foi mesmo que uma festa; eu até fiquei com pena de Andresa.

Todos recebem o Santíssimo sem arrumação, como já vi noutras casas; vovó fez como procissão. Mandou pôr pela rua afora montinhos de areia e folhas de café. Preparou o altar, acendeu as velas e ficou radiante de ver o Santíssimo entrar em casa.

Eu fiquei com pena de Andresa, que estava tão comovida de receber Nosso Senhor na cama. Ela queria esperar que melhorasse, para ir comungar na igreja, mas vovó não quis.

Renato e Nestor pegaram na opa; o cirial Seu Broa não quis dar; foi ele mesmo que levou.

O padre sempre traz comunhão para vovó na Chácara sem ela estar doente, mas sai da Igreja do Rosário. Desta vez foi o Santíssimo que veio e saiu da Sé.

Quinta-feira, 2 de março

Nós fizemos, no fundo da horta, uma casinha de capim para servir de teatrinho de bonecos. Cada um fez um boneco e

saíram tão malfeitos que nós rimos a perder, de vê-los representar. Nico é bem engraçado para imitar a voz dos bonecos; quando é boneca ele fala fino, quando é boneco ele fala grosso.

Pensávamos ganhar dinheiro com isto, mas já me convenci que em negócio de ganhar dinheiro não se consegue arranjar nada. As entradas são de cem réis. Mesmo assim só já conseguimos arranjar mil e seiscentos.

Nico disse que se ele saísse para a rua anunciando, poderiam aparecer os meninos da cidade, mas que ele sabe que vovó e as tias não consentiriam em amontoar gente no quintal, passando por dentro de casa. Vamos então representando só para os de casa.